

Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

Lázaro Castro Silva Nascimento
Kamilly Souza do Vale
(Organizadores)



Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

Lázaro Castro Silva Nascimento
Kamilly Souza do Vale
(Organizadores)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Carlos Alberto Souza do Nascimento Júnior
Organizadores: Lázaro Castro Silva Nascimento
Kamilly Souza do Vale

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

S478 Sentidos em Gestalt-terapia [recurso eletrônico] : novas vozes, outros olhares / Organizadores Lázaro Castro Silva Nascimento, Kamilly Souza do Vale. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-355-2

DOI 10.22533/at.ed.552201609

1. Gestalt-terapia. I. Nascimento, Lázaro Castro Silva.
II. Vale, Kamilly Souza do.

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

PREFÁCIO

Escrever o prefácio de uma obra não é uma tarefa fácil. A tarefa se torna ainda mais difícil quando se trata de um livro escrito por vários autores e autoras, composto de doze capítulos, que perpassam por temas pungentes e de extrema relevância na atualidade. Dado isso, me sinto realizando uma delicada tarefa e receosa de que não a cumpra de forma honrosa. Que me desculpem os autores e as autoras se meu prefácio não estiver à altura do valor que encontrei em cada um dos capítulos.

Como já nos indica o título “Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares”, o livro organizado por Lázaro Castro Silva Nascimento e Kamilly Souza do Vale tem a proposta de visibilizar autoras e autores que trazem contribuições inovadoras ao campo conceitual e técnico dessa abordagem, se debruçando sobre temas pouco tratados nos livros publicados em Gestalt-terapia no Brasil. A riqueza e a profundidade com que temas tão diversos são tratados me fascinou e me fez ficar absorta nas páginas do livro; creio que será exatamente a mesma experiência que os leitores viverão diante da obra em questão.

O primeiro capítulo escrito por Lázaro Castro traz reflexões provocativas sobre o que podemos ou não considerar Gestalt-terapia. No diálogo que Lázaro traça com seu leitor, o mesmo aponta a não homogeneidade conceitual que embasa a prática dos profissionais desta perspectiva psicoterápica. Então, Lázaro busca ao longo do capítulo elucidar o que considera os fundamentos conceituais e teóricos da Gestalt-terapia e trazê-los a nós em um texto claro, construído sobre sólidas referências teóricas.

O segundo capítulo é uma contribuição valiosa de Kamilly Vale ao campo da psicoterapia de casais em Gestalt-terapia. Kamilly desenvolve o texto a partir de sua própria experiência de trabalho com casais, tanto teórica quanto prática, nos trazendo um alerta quanto ao grau de violência que é encontrando usualmente no relacionamento íntimo e que se reflete em modelos comunicacionais pouco cuidadosos entre as partes do casal. Kamilly constata que a comunicação está muito além do que é meramente dito e o discurso entre casais permanentemente atravessado pelas influências culturais.

No terceiro capítulo encontramos um belíssimo texto tecido a seis mãos e que se debruça sobre o tema da felicidade dentro do ponto de vista da Gestalt-terapia. Os autores Patrícia Yano, Francisco Soares Neto e Mariana Andrade partem da constatação de que a busca pela felicidade, e pela compreensão do significado da mesma, é secular. No entanto, o tema não tem sido objeto de ampla reflexão nas obras de Gestalt-terapia, tarefa à qual se propõe os autores.

A autora Mariana Pajaro desenvolveu o quarto capítulo a partir das inquietações vividas na prática clínica com crianças. Mariana relata sua busca por maior aprofundamento teórico-técnico, permeada por um sensível testemunho de experiências vividas em sua

clínica nas quais descobriu a importância de entrar em contato com a criança que um dia ela foi.

O quinto capítulo versa sobre o tema do trauma e a autora nos conta sobre seu percurso profissional, no qual buscou técnicas específicas que têm como base os conhecimentos das neurociências. Simone Dreher defende o ponto de vista de que o trabalho com traumas em Gestalt-terapia pode ser enormemente enriquecido pela aproximação com os estudos contemporâneos das neurociências, apresentando alguns conhecimentos que adquiriu nesse intercâmbio que se propôs a fazer.

No sexto capítulo nos deparamos com mais um tema tocante: o processo de elaboração do luto decorrente do fim de uma união afetiva. Keila Santos, partindo da constatação de que o número de separações e divórcios é crescente na sociedade contemporânea, traz contribuições importantes sobre o tema, obtidas por meio de uma cuidadosa pesquisa bibliográfica, sob o prisma da Gestalt-terapia.

Ao chegarmos ao sétimo capítulo, escrito por Hayanne Alves e Wanderlea Ferreira, novamente somos colocados frente a frente com um tema impactante no que diz respeito às possibilidades e dificuldades da prática do gestalt-terapeuta no sistema prisional brasileiro. A ação profissional em um contexto tão adverso é apontada, pelas autoras, como de extrema relevância e a visão de ser humano da Gestalt-terapia pode servir como suporte para uma prática em que os aspectos criativos são valorizados.

Lívia Arrelias, no oitavo capítulo, denuncia a quase inexistência de discussões sobre as existências pretas e indígenas em Psicologia, de maneira ampla, e em particular na Gestalt-terapia. A autora reflete sobre o quanto o modo elitista do desenvolvimento da Psicologia no Brasil se refletiu em práticas psicológicas discriminatórias e socialmente excludentes.

No capítulo nove encontramos o relato de uma pesquisa desenvolvida a partir de perfis de usuários do aplicativo Grindr, um aplicativo de encontros para homens. Paulo Barros identificou um perfil de homem ideal preconceituoso na população estudada, verificando concepções homofóbicas e misóginas, mesmo entre homens que se relacionam com homens. A partir daí, reflete sobre os conceitos de introjeção e fronteira de contato na Gestalt-terapia.

O décimo capítulo foi redigido por Gabriely Garcia, Tainá Tomaselli e Ana Carolina Galo. As autoras escrevem sobre a importância da música em nossas vidas e, em especial, na utilização desta como recurso terapêutico por musicoterapeutas ao longo da história. Partindo da integração teórica entre a profissão da Musicoterapia e a Gestalt-terapia, constroem uma proposta de Gestalt-Musicoterapia ou Musicoterapia Gestáltica.

O processo de luto durante a pandemia de Covid-19 de Heloá Maués e Michele Moura é o tema do penúltimo capítulo do livro. As autoras consideram a delicadeza da situação em que vivemos na qual o direito de vivenciarmos o luto e os rituais de despedida dos entes que amamos nos tem sido tirado não só pelas dificuldades próprias à pandemia,

mas também por uma ausência de políticas governamentais apropriadas ao enfrentamento desta.

Chegamos então ao capítulo de encerramento no qual, mais uma vez, somos confrontados com um tema de grande relevância que é pensar sobre a experiência da vergonha calcada nos conceitos da Gestalt-terapia. Larissa Carvalho buscou compreender o processo vivenciado por uma pessoa envergonhada e as implicações da moralidade social.

Daqui em diante, fica por conta do leitor o cuidado na leitura e a abertura para a reflexão que o livro poderá proporcionar. Espero que todos possam usufruir de tão rico material organizado no livro, tanto quanto eu o fiz.

Patricia Valle de Albuquerque Lima

*Gestalt-terapeuta e Psicóloga. Doutora em Psicologia pela
Universidade Federal do Rio de Janeiro. Docente do curso de Psicologia da
Universidade Federal Fluminense (UFF).*

APRESENTAÇÃO

Os escritos presentes na obra *Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares* são antes de tudo um manifesto afetivo. Convidamos Gestalt-terapeutas espalhadas/dos pelo Brasil para compor um material que fosse ao mesmo tempo rico em produção de sentidos, mas também que transbordasse afetividade e construção teórico-prática na Gestalt-terapia.

Os trabalhos apresentados aqui versam sobre temáticas contemporâneas e diversas provocando leitoras e leitores ao *sentir* enquanto se debruçarem sobre cada um dos capítulos. Nosso objetivo maior foi ouvir novas vozes, possibilitar um espaço e dar visibilidade para autoras e autores que realizam pesquisas e trabalhos importantes na área, compartilhando-os e os tornando acessíveis à comunidade de um modo geral.

Esperamos que esse passo inicial seja de fato a concretização de um desejo comum: integrar espaços dentro da Gestalt-terapia, dirimir nichos que detêm lugares previamente demarcados e disponibilizar um material de qualidade com temáticas que toquem aqueles que diariamente compõem e constroem o fazer gestalt-terapêutico.

Uma excelente leitura para todas e todos!

Lázaro Castro Silva Nascimento

Kamilly Souza do Vale

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
GESTALT-TERAPIAS E GESTALT-TERAPEUTAS: REFLEXÕES LINGUÍSTICAS E PLURALIDADE DE PRÁXIS Lázaro Castro Silva Nascimento DOI 10.22533/at.ed.5522016091	
CAPÍTULO 2	15
A COMUNICAÇÃO DIALÓGICA NO MANEJO COM CASAIS EM GESTALT-TERAPIA Kamilly Souza do Vale DOI 10.22533/at.ed.5522016092	
CAPÍTULO 3	31
OS ESTUDOS SOBRE A FELICIDADE E A GESTALT-TERAPIA Luciane Patrícia Yano Francisco Alves Soares Neto Mariana da Silva de Andrade DOI 10.22533/at.ed.5522016093	
CAPÍTULO 4	47
ESTAR-COM CRIANÇAS: EM BUSCA DA LINGUAGEM PERDIDA Mariana Pajaro DOI 10.22533/at.ed.5522016094	
CAPÍTULO 5	57
TRAUMA, NEUROCIÊNCIAS E GESTALT-TERAPIA: INTEGRANDO PRÁTICAS E ABORDAGENS CONTEMPORÂNEAS Simone Aparecida de Souza Dreher DOI 10.22533/at.ed.5522016095	
CAPÍTULO 6	67
DESATANDO OS “NÓS” E RECONFIGURANDO O “EU”: O LUTO DECORRENTE DO FIM DA CONJUGALIDADE NA GESTALT-TERAPIA Keila Andréa Araújo Costa dos Santos DOI 10.22533/at.ed.5522016096	
CAPÍTULO 7	78
INTERLOCUÇÕES DA ABORDAGEM GESTÁLTICA NO SISTEMA PRISIONAL BRASILEIRO Hayanne Galvão Pereira Alves Wanderlea Nazaré Bandeira Ferreira DOI 10.22533/at.ed.5522016097	
CAPÍTULO 8	93
REFLEXÕES DA CLÍNICA GESTÁLTICA SOBRE RELAÇÕES RACIAIS Lívia Arrelias DOI 10.22533/at.ed.5522016098	

CAPÍTULO 9	110
“QUERO MACHO COM JEITO DE MACHO”: FRONTEIRAS DE CONTATO ENTRE USUÁRIOS DO GRINDR	
Paulo Henrique Pinheiro de Barros	
DOI 10.22533/at.ed.5522016099	
CAPÍTULO 10	126
GESTALT-MUSICOTERAPIA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA E ALINHAVOS TEÓRICO-PRÁTICOS	
Gabriely Leme Garcia	
Tainá Jackeline Tomaselli	
Ana Carolina Tiemi Galo	
DOI 10.22533/at.ed.55220160910	
CAPÍTULO 11	137
O PROCESSO DE LUTO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19: LEITURAS GESTÁLTICAS	
Heloá Pontes Maués	
Michele dos Santos Moura	
DOI 10.22533/at.ed.55220160911	
CAPÍTULO 12	152
A PERCEPÇÃO DA VERGONHA SOB O VIÉS DA CLÍNICA GESTÁLTICA	
Larissa da Silva Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.55220160912	
SOBRE OS ORGANIZADORES	166

CAPÍTULO 1

GESTALT-TERAPIAS E GESTALT-TERAPEUTAS: REFLEXÕES LINGUÍSTICAS E PLURALIDADE DE PRÁXIS

Lázaro Castro Silva Nascimento¹

Na minha jornada como Gestalt-terapeuta, indaguei diversas questões. Fiz muito menos perguntas sobre a teoria da Gestalt-terapia ao longo desses anos, estando a maior parte das minhas dúvidas no campo da organização profissional das/dos Gestalt-terapeutas. Nesse caminho, encontrei algumas respostas prontas e propus algumas outras que fizessem sentido a partir das minhas leituras, das minhas vivências e das minhas lentes.

A construção destes escritos vai nessa direção. Não se apresenta aqui uma resposta fechada, ou a dualidade clássica moralizante entre certo e errado frente a uma comunidade tão grande como a de Gestalt-terapeutas do Brasil. Antes disso, espero que sejam reflexões provocativas e que gerem ressonâncias para nos ampliarmos e nos expandirmos.

Este capítulo, portanto, tem como objetivo delinear questões teóricas e políticas, refletindo sobre o que é/o que não é Gestalt-terapia e quem são as/os Gestalt-terapeutas, sendo um recorte das ideias já discutidas em Nascimento (2019). A escrita deste material está organizada a partir das seguintes temáticas: 1) questões da língua e reflexões; 2) a pluralidade epistemológica da Gestalt-terapia; 3) áreas multiprofissionais com referencial da Gestalt-terapia; e 4) breves considerações sobre pretensas Gestalt-terapias.

1.1 Tecendo reflexões linguísticas

O que seria mais adequado à língua portuguesa ou à comunidade de profissionais que supostamente compartilham da mesma teoria: Gestalt-terapia? Gestalt-Terapia? Gestalt Terapia? Gestaltterapia? Gestalt? Gestaltista? Gestalt-terapeuta? Gestalt-Terapeuta? Gestaltterapeuta? Gestáltico? Gestalt-terapêutico?

Para fins de esclarecimentos didáticos, é importante definir a concepção de “*Gestalt*” presente na Gestalt-terapia. Segundo Perls (1988, p. 19),

Gestalt é uma palavra alemã para a qual não há tradução equivalente em outra língua. Uma Gestalt é uma forma, uma configuração, o modo particular de organização das partes individuais que entram em sua composição. A premissa básica da Psicologia da Gestalt é que a natureza humana é organizada em partes ou todos, que é vivenciada pelo indivíduo nestes termos e que só pode ser entendida como uma função das partes ou todos dos quais é feita.

1. Gestalt-terapeuta. Doutor em Psicologia Clínica & Cultura pela Universidade de Brasília. Musicoterapeuta (CPMT 346/20-PR) graduado pela Universidade Estadual do Paraná; Psicólogo (CRP-08/20085) graduado pela Universidade Federal do Pará.

No que tange às discussões sobre “estrutura” enquanto conceito para as ciências psicológicas, Freitas (2015) analisa como as noções trazidas pela escola da Psicologia da Gestalt (*Gestaltpsychologie*) vão influenciar o desenvolvimento de outras teorias psicológicas, a exemplo da Teoria de Campo de Kurt Lewin, e como essas noções de estrutura diferem de outros modelos estruturalistas da psicologia.

A priori, essa discussão linguística pode parecer longínqua de uma teoria como a Gestalt-terapia. Qual a necessidade, então, de pensar estruturas formais da língua escrita? Bom, parece impossível deixar escapar o fato de que parte da nossa subjetividade se dá pelas relações com língua e oralidade, e, com isso, também os processos de identificação com sua forma escrita. Assim, uma breve investigação das normas ortográficas registradas no verbete “Gestalt” do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras nos apresenta:

1. **gestalt** *s.f. al.* Estrangeira

2. **gestáltico** (gues) *adj.*

3. **gestaltista** (gues) *adj. s.2g.*

4. **gestaltterapia** (gues) *s.f.* (GESTALT, 2009, sem paginação).

Portanto, seria ortograficamente mais adequado usarmos *Gestaltterapia*? Certamente que nossas decisões não são pautadas unicamente em normativas linguísticas, mas, também em consensos comunitários. Assim, as versões Gestalt-terapia e Gestalt-Terapia, bem como suas variantes, como Gestalt-terapeuta e Gestalt-Terapeuta, parecem muito mais frequentes na literatura, em títulos de eventos e afins pelo território brasileiro.

Isso talvez decorra do termo, originalmente em língua inglesa, possuir ambas as palavras *Gestalt e Therapy* separadas, sem hífen. Já as palavras “Gestaltista” e “gestáltico” ou “gestáltica” parecem adequadas – mas, referir-se-iam estas mais à Gestalt-terapia ou à Psicologia da Gestalt? Ou, ainda, à Psicoterapia Gestaltista? Ou a todas, de forma indistinta? Caminhar na direção de responder a essas indagações se mostra importante para esta discussão.

Mesmo Laura Perls, cofundadora da Gestalt-terapia, sendo reconhecida por seu cuidado na construção teórica e prática dos princípios gestalt-terapêuticos, apresenta na entrevista a Janine Bernard os termos de maneira indistinta, primeiro falando *Gestalt-terapeutas* e depois, *Gestaltistas*:

J.B.: Você não acha que existam muitos Gestaltistas puros por aí?

L.P.: Sim, há alguns. Eu acho que a maioria dos psicólogos, se eles leram alguma coisa, leram Gestalt-terapia Explicada (Perls, 1969) ou viram um ou

dois filmes e então eles acham que são *Gestalt-terapeutas*. Mas esses são apenas aspectos muito pequenos do que se pode fazer com a Gestalt-terapia. A Gestalt-terapia é muito mais que uma modalidade técnica. [...]

J.B.: E sobre o inconsciente?

L.P.: Não, nós *Gestaltistas* não operamos com o conceito de inconsciente, mas em uma escala variável, de pouca awareness à awareness plena (PERLS, 1986, p. 371-372, grifo nosso, tradução livre).

Wysong (2011), ao contar a história oral da Gestalt-terapia, apresenta uma discussão semelhante à traçada neste capítulo no que diz respeito à identidade. O autor discorre sobre como Isadore From, um dos membros fundadores da Gestalt-terapia, compreendia as questões de identidade na Gestalt-terapia, afirmando que, para From, a remoção da palavra “terapia”, utilizando-se apenas “Gestalt”, era teórica e politicamente inadequada. From parecia ter uma noção mais rígida quanto à terminologia, discordando de que a Gestalt-terapia pudesse ser pensada para além de um sistema em psicoterapia.

Toda essa discussão se torna ainda mais complexa quando se considera nessa miscelânea de opções a terminologia “Abordagem Gestáltica” (em inglês, *Gestalt Approach*), ao invés de apenas “Gestalt-terapia”. Isso fica evidente em escritos e falas de Gestalt-terapeutas, bem como no título do maior evento brasileiro da área, que acontece a cada dois anos: Encontro Nacional de Gestalt-terapia & Congresso Brasileiro da Abordagem Gestáltica. Esse fato é explicado historicamente por Holanda & Karwowski (2004, p. 63, grifo nosso):

A partir de 1993, no encontro de Recife, houve um acréscimo na nomenclatura do encontro que transcende a mera questão linguística ou estética e reflete *uma realidade de crescimento*. A partir dessa data, ao Encontro Nacional de Gestalt-terapia, passou a ser associado o Congresso Brasileiro da Abordagem Gestáltica. *Esse fato é relevante, primordialmente, por delimitar a expansão do campo de atuação da Gestalt-terapia a outras áreas, para além da clínica.*

Portanto, parece ter havido um movimento da comunidade de Gestalt-terapeutas do Brasil para que o termo “Abordagem Gestáltica” fosse adotado como proposta de ampliação e difusão da área. O termo também é encontrado no periódico com mais produções brasileiras em Gestalt-terapia, a “*Phenomenological Studies: Revista da Abordagem Gestáltica*”, segundo o levantamento de 1997 a 2014 realizado por Castelo Branco e Carpes (2017).

Ainda no que diz respeito às questões sobre a língua escrita, é importante discutir os termos “Gestaltista” e suas variantes, como a ideia de “psicoterapia gestaltista”. Por mais semelhantes que possam parecer com os termos mencionados anteriormente (Gestalt-terapia e Abordagem Gestáltica e suas variantes), trata-se de termos distintos, tanto teórica quanto semanticamente.

A confusão conceitual parece surgir pela derivação comum desses termos a partir da *Gestalt Psychology*, escola clássica da psicologia experimental que estudava a percepção no início do século XX, na Alemanha. Como afirma Tellegen (1972, p. 31), “o nome da Gestalt-terapia é algo enganador, como se tratasse de uma aplicação direta e unívoca dos princípios da escola acadêmica da Gestalt Psicologia à atuação terapêutica”.

A Psicoterapia Gestaltista, porém, é uma proposta psicoterapêutica desenvolvida em solo brasileiro por Vera Felicidade Campos que discorda da leitura da Psicologia da Gestalt contida na Gestalt-terapia. Campos afirma que...

É necessário que se enfatize o caráter inovador desta obra dado a existência da Gestalt Therapy – desde 1974 muito divulgada no Brasil – que, *contrariando as origens da própria teoria gestaltista alemã*, tem pela sua fundamentação psicanalítica, uma visão elementarista do comportamento humano, uma distorção parte-todo, apreendendo e reduzindo a Psicologia da Gestalt a “o todo não é a soma das partes” (1988, p. 11, grifo nosso).

Ou seja, ao se utilizar as noções de “Psicoterapia Gestaltista”, “Gestaltista” e termos afins, linguisticamente, corremos o risco de estar mais próximos às concepções de Campos, de maneira não intencional, do que às da Gestalt-terapia como pensada nos EUA.

A fim de minimizar essas possíveis confusões teóricas e elucidar as discussões apresentadas neste tópico, é apresentado a seguir um quadro teórico-conceitual (NASCIMENTO, 2019) em que é possível visualizar uma síntese sobre os termos.

		Gestalt-terapia		
	Psicologia da Gestalt	Gestalt-terapia clínica (Psicoterapia Gestáltica)	Abordagem Gestáltica	Psicoterapia Gestaltista
Síntese	Área da Psicologia experimental interessada nos estudos da percepção	Atuação psicoterapêutica embasada na teoria da Gestalt-terapia	Ampliação da Gestalt-terapia para diversas áreas de atuação além da clínica psicoterapêutica	Modelo de Psicoterapia construído baseado na Psicologia da Gestalt
Surgimento	Entre 1910 e 1912 nos laboratórios de psicologia da Alemanha	Em 1951, com a publicação da obra “Gestalt Therapy: excitement and growth in the human personality” nos EUA	---	Em 1973 no Brasil
Precusores	Marx Wertheimer, Kurt Koffka e Wolfgang Köhler	Fritz Perls, Laura Perls e Paul Goodman		Vera Felicidade de Almeida Campos
Objeto de estudo	Percepção	Ajustamentos criativos		“Comportamento do homem/Percepção”

Quadro 1 – Esquema teórico-didático acerca das noções de *Psicologia da Gestalt*, *Gestalt-terapia*, *Abordagem Gestáltica* e *Psicoterapia Gestaltista*

* Vale problematizar este termo: a clínica em Gestalt-terapia não é composta apenas por psicoterapia, mas, também, por avaliação, psicodiagnóstico, clínica ampliada, entre outros. Contudo, isso não enfraquece o objetivo do quadro.

Fonte: Nascimento (2019, p. 21).

Há que se considerar que, nesse quadro teórico, o termo Gestalt-terapia contém as noções da “Abordagem Gestáltica” bem como de uma “Gestalt-terapia clínica”. Outra possibilidade seria o de posicionar o termo “Abordagem Gestáltica” como termo-chave que contém as noções de uma “Gestalt-terapia clínica” e de uma “Gestalt-terapia em outros campos” com seus possíveis desdobramentos.

Considerando o uso dos termos que parecem mais frequentes em textos, trabalhos de pesquisas, livros e dentro da comunidade de Gestalt-terapeutas no Brasil, ao longo de todas as discussões neste capítulo, serão utilizados os termos grafados da seguinte maneira: “Gestalt-terapia”, “Gestalt-terapeuta” e “gestalt-terapêutico” em relação aos demais, a fim de padronizar a escrita e marcar meu posicionamento como autor.

1.2 Pluralidade epistemológica na Gestalt-terapia

Além de suas variações linguísticas, a Gestalt-terapia contém em si uma teoria epistemologicamente complexa. Há uma dificuldade em delimitar o campo epistemológico da Gestalt-terapia. Segundo o dicionário Houaiss *online*, epistemologia é:

O estudo dos postulados, conclusões e métodos dos diferentes ramos do saber científico, ou das teorias e práticas em geral, avaliadas em sua validade cognitiva, ou descritas em suas trajetórias evolutivas, seus paradigmas estruturais ou suas relações com a sociedade e a história; teoria da ciência (EPISTEMOLOGIA, c2019, sem paginação).

Em outras palavras, a Epistemologia se ocupa de compreender como determinado conhecimento ou saber se estrutura, como uma filosofia que reflete sobre o próprio saber de determinada área. Esse caminho de reflexão epistemológica acontece, por exemplo, ao questionar Gestalt-terapeutas sobre “o que é Gestalt-terapia?”.

Ao tentar responder a tal indagação, é comum que as respostas caminhem na direção de se afirmar: “a Gestalt-terapia é uma abordagem *psicológica* que...” e, em seguida, que a sentença se complete enfocando algum de seus muitos aspectos psicoterapêuticos, como o aqui-agora e a tomada de consciência, ou suas bases existencialistas e fenomenológicas, sua fundamentação no humanismo, na teoria de campo de Kurt Lewin, nas noções orgânicas de Kurt Goldstein, ou ainda na orientação compreensiva, nos experimentos gestalt-terapêuticos, entre muitas outras possibilidades.

A noção de “abordagem psicológica” engloba grandes teorias do conhecimento que buscam compreender a subjetividade e funcionamento humano a partir de construções teórico-filosóficas distintas. Figueiredo (2008) apresenta uma tentativa de sistematizar as

diversas matrizes do pensamento psicológico contemporâneo, dividindo-o em dois grandes grupos (matrizes científicas e matrizes românticas e pós-românticas) e subgrupos, descrevendo como a Psicologia se organizou como saber a partir disso. Moreira (2009) ancora-se no referido autor para circunscrever a Gestalt-terapia:

A Gestalt-terapia de Perls, em certos momentos – na compreensão da vida como um fluxo positivo, ou no pragmatismo de Perls ao afirmar que sua proposta parte dele mesmo – se insere na matriz vitalista e naturalista; em outros – em especial no que se refere ao conceito de campo organismo-ambiente, ou quando critica o dualismo nas psicologias – parece se inserir na matriz compreensiva, própria do pensamento fenomenológico-existencial, que rompe com o pensamento dualista (p. 10).

Isso mostra uma complexidade ao pensar a própria compreensão da Gestalt-terapia dentro desses modelos. Já Ribeiro (2012, p. 41) compreende a Gestalt-terapia a partir de uma base filosófica que a sustenta triangulando humanismo, existencialismo e fenomenologia. Também nessa direção, Resnick (2016), como Gestalt-terapeuta que foi aluno de Fritz Perls e Jim Simkin nas origens da Gestalt-terapia, afirma que esta se firma sobre três pilares teóricos: a teoria de campo, a fenomenologia e o diálogo (dialogicidade). Em entrevista, conta ainda sobre como houve apropriações indevidas nos Estados Unidos acerca da Gestalt-terapia, como um irresponsável *laissez-faire*, em que tudo estaria autorizado ao Gestalt-terapeuta, enfatizando assim a necessidade de delimitações práticas e conceituais.

Juliano (1992), contando sobre a construção histórica da Gestalt-terapia, discorre sobre três modelos diferentes em seu surgimento. Afirma que havia uma “gestalt da cabeça”, uma “gestalt visceral” e uma “gestalt do coração”. A autora explicita a divergência histórica na Gestalt-terapia “pele vermelha” e “cara pálida”, em que havia o grupo de Fritz Perls com a “Gestalt visceral”, com foco no processo de frustração e promoção de *awareness*, enquanto coexistia a “Gestalt da cabeça”, com o grupo de Laura Perls e Paul Goodman pensando uma Gestalt-terapia mais teórica e sistematizada.

Ainda sobre essa multiplicidade, ao esboçar uma epistemologia da Gestalt-terapia, Holanda (2005) afirma compreender esse modelo em quatro modalidades: a) Gestalt-analítica; b) Gestalt-pragmática; c) Gestalt-fenomenológica; e d) Gestalt-existencial. Apesar da sua tentativa de compreensão destes submodelos, enfatiza que “qualquer expressão que procure resumir a diversidade gestáltica será, invariavelmente, um reducionismo, e caminhará na direção contrária de inúmeras das propostas da mesma abordagem” (p. 37).

Essas subcategorizações, ainda que didáticas, demonstram a importância de hipotetizar e refletir que existem formas diferentes de compreender, vivenciar e praticar o que é chamado genericamente de “Gestalt-terapia”. Tal afirmação evita a falsa ideia de uma homogeneidade acerca da compreensão do que seja Gestalt-terapia. Antes de ser um problema, isso possibilitou que diversos estilos próprios pudessem ser vividos e

expressados no fazer terapêutico de orientação gestalt-terapêutica. Nas palavras de Laura Perls, ao refletir sobre os diversos “estilos” de uma *práxis* gestalt-terapêutica, “Na Gestalt-terapia existem tantos estilos como terapeutas e pacientes” (1992a, p. 124, tradução livre).

A amplitude epistemológica da Gestalt-terapia é ainda mais alargada quando se considera os trabalhos de Belmino (2016, 2017) que visibilizaram em solo brasileiro as leituras de Paul Goodman e sua compreensão da Gestalt-terapia como uma política. Isso significa não apenas estender a prática da Gestalt-terapia para outros campos de atuação, mas, também, para um posicionamento ético quanto a questões amplas da sociedade, de grupos e de estruturas sociais, como o governo e afins, convocando as/os Gestalt-terapeutas a pensarem temáticas sensíveis, como a violência, a desigualdade de gênero, o racismo, a distribuição de renda, entre outros tópicos.

Ainda no que tange à diversidade epistemológica, é necessário circunscrever a ideia de “Gestalt” como uma filosofia de vida, o que é explicado por Stevens (1977, p. 14-15):

Gestalt-terapia, embora formalmente apresentada como um tipo de psicoterapia, é baseada em princípios que são considerados como uma forma saudável de vida. Em outras palavras, é primeiro uma filosofia, uma forma de ser e com base nisto, há maneiras de aplicar este conhecimento de forma que outras pessoas possam beneficiar-se dele.

Ou seja, para além de um fazer clínico, para além de suas ampliações em outras *práxis*, para além de uma política e reflexões sociais, não é incomum também a compreensão de Gestalt (Gestalt-terapia) como um conjunto de fundamentos e construtos teóricos que orientam posturas de vida, sejam as ideias de viver no aqui-agora, de estar cada vez mais consciente, de buscar um viver fluído sem interrupções neuróticas e afins.

Com isso, apesar da associação comum entre Psicologia e Gestalt-terapia em terras brasileiras, outras áreas de atuação e conhecimento também se apropriaram dessa diversidade epistemológica e teórica. Vamos explorar aqui duas dessas áreas multiprofissionais com referencial apoiado na Gestalt-terapia.

1.3 Áreas multiprofissionais com referencial da Gestalt-terapia

Ao observar mais de perto o contexto global alcançado pela Gestalt-terapia, não raro é possível ver profissionais de outras áreas que atuam e/ou atuaram com referencial dessa abordagem. Assim, somos convidados a um alargamento teórico: compreender que a Gestalt-terapia é um corpo teórico-clínico que orienta também outras áreas do conhecimento, além da Psicologia.

Abaixo são apresentadas, brevemente, algumas construções nas áreas de Musicoterapia e Aconselhamento Pastoral a fim de ilustrar essas afirmações. Em Nascimento (2019), é possível ainda localizar trabalhos realizados por Médicas/os e Psiquiatras, Arteterapeutas e Educadores/Gestaltpedagogas/os.

1.3.1 *Gestalt-Musicoterapia, Musicoterapia Gestáltica/Gestalt-terapêutica*

Bruscia (2014) afirma que é certo que a música já era (e ainda é) utilizada em muitas culturas xamânicas/índigenas juntamente com intervenções focadas na saúde. Contudo, a organização e sistematização da profissão Musicoterapeuta e da área da Musicoterapia só acontecem por volta dos anos 1950 nos EUA (BRUSCIA, 2014) e em 1973 no Brasil (CHAGAS; PEDRO, 2008). A extensa definição usada pela Federação Mundial de Musicoterapia afirma que:

Musicoterapia é a utilização da música e/ou seus elementos (som, ritmo, melodia e harmonia) por um/a musicoterapeuta qualificada/o, com clientes ou grupo, em um processo para facilitar, e promover a comunicação, relação, aprendizagem, mobilização, expressão, organização e outros objetivos terapêuticos relevantes, no sentido de alcançar necessidades físicas, emocionais, mentais, sociais e cognitivas (FEDERAÇÃO MUNDIAL DE MUSICOTERAPIA, 1996, p. 4, tradução livre).

Apesar de serem divergentes os caminhos para se tornar Musicoterapeuta ao redor do mundo, no Brasil, a formação em Musicoterapia exige curso de nível superior, seja em pós-graduação *lato sensu* (especialização), seja em cursos de graduação em Musicoterapia com duração de 4 anos.

Destaca-se os esforços coletivos de diversos Musicoterapeutas no Brasil para o fortalecimento da profissão, como as tentativas de regulamentação (a exemplo do mais recente Projeto de Lei 6.379/2019), a construção e manutenção do periódico *online* Revista Brasileira de Musicoterapia, a conquista do registro na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) sob o número 2263-05 (BRASIL, c2017), a inclusão de procedimentos musicoterapêuticos na política pública do SUS em 2013 e sua ampliação em 2017, entre outros.

Assim como na Psicologia, a Musicoterapia se apropriou de diversas abordagens para organizar a compreensão e o fazer dos processos musicoterapêuticos. Entre eles, timidamente, aparece a Gestalt-musicoterapia. Quatro trabalhos de Musicoterapeutas podem ser citados aqui:

1) o artigo da musicoterapeuta estadunidense Wheeler (1981), em que parece surgir pela primeira vez o termo “gestalt music therapist”, traduzido livremente como “Gestalt-musicoterapeuta”. A autora discute a relação da Musicoterapia com correntes psicoterapêuticas e situa entre elas a Gestalt-terapia;

2) a conferência de Frohne (1991), transcrita na obra *Música e Saúde*, na qual a autora afirma que “a gestalt-terapia e a musicoterapia se baseiam na consciência do que está acontecendo aqui e agora, ambas são voltadas para a experimentação dos sentimentos” (p. 37);

3) o livro espanhol *Musicoterapia gestáltica: proceso sonórico*, de Torres (2009),

escrito como trabalho de conclusão exigido pela *European Association of Gestalt Therapy* (EAGT); e

4) um levantamento acerca da Gestalt-Musicoterapia em solo brasileiro feito por Nascimento (2020).

1.3.2 Aconselhamento Pastoral Gestáltico/Gestalt-terapêutico

A prática de *counseling*, traduzida livremente como “aconselhamento”, possui diversos desdobramentos. Silva (2010, p. 306) define a diferença dos processos de *coaching*, *mentoring* e *counseling*:

[...] uma das principais singularidades do *counseling* [é] a sua proximidade com os processos terapêuticos. Ou seja, no *counseling*, o objetivo central é a busca do bem-estar do indivíduo, podendo o processo contemplar qualquer dimensão da sua vida, inclusive de ordem emocional. Além disso, o cliente é único responsável pela definição dos objetivos a serem alcançados no trabalho.

Apesar de não ser comum no Brasil a prática e discussão teórica acerca do *counseling* nos ciclos gestalt-terapêuticos, há expoentes internacionais que trabalharam nessa direção. Como exemplo, a obra de Petruska Clarkson (2013), *Gestalt Counselling in Action*, em sua quarta edição, aborda esta temática.

Entre as diversas modalidades de *counseling*, há o Aconselhamento Pastoral, no qual a/o profissional *counselor* tem...

como objetivo maior, em termos simples que pessoas (casais e membros de famílias ou pequenos grupos) vivam sabiamente à luz de Deus [...]. O aconselhamento pastoral é um ofício e uma forma especial do ministério do cuidado pastoral na Igreja (SCHIPANI, 2004, p. 97).

É comum no Brasil a existência de instituições de ensino superior nas áreas de Teologia e Ciências da Religião oferecerem pós-graduações nessa área.

Não é necessária a formação em Psicologia para cursar tais pós-graduações; em algumas instituições, o público é composto por pessoas religiosas, como freiras, padres ou qualquer profissional interessado com graduação. Em Curitiba (PR), a fim de exemplificar, há um curso de “Aconselhamento Pastoral” que oferece uma disciplina de “Counselling e Gestalt-terapia”, visando sensibilizar profissionais aconseladoras/es às reflexões e formas de compreender o ser humano à luz da Gestalt-terapia.

Há também nos EUA uma obra inteira dedicada à interface da Gestalt-terapia com o Aconselhamento Pastoral no trabalho de Knights (2002), intitulada *Pastoral Counseling: A Gestalt Approach*, sem tradução para o português até o momento. Na descrição da obra de Knights, é delimitado seu objetivo:

[...] oferecer a pastores e rabinos um conhecimento prático das técnicas básicas e atitudes pioneiras de Fritz Perls [...]. O aconselhamento pastoral

explica os objetivos básicos do trabalho da Gestalt, que são alcançar espontaneidade e expressividade e avançar para a autenticidade pessoal (2002, sem paginação, tradução livre).

1.3.3 Breves considerações: Gestalt-terapia multiprofissional

Apesar dos movimentos dentro da Musicoterapia e do Aconselhamento (*Counseling*) explicitados aqui, é preciso reconhecer que o campo convoca a uma ampliação para uma compreensão de uma Gestalt-terapia multiprofissional. Ainda no que diz respeito a essa questão, vale mencionar o Estatuto Social da Associação Brasileira de Gestalt-terapia & Abordagem Gestáltica (ABG), que, em sua primeira alteração, passou a afirmar, no art. 6º:

A ABG é constituída de todos aqueles interessados na abordagem gestáltica que possuem formação gestáltica – *psicólogos ou não*, alunos de graduação ou estudantes de graduação, treinandos em Gestalt-terapia ou na Abordagem Gestáltica, além de Institutos ou similares que formam gestalt-terapeutas, em consonância com os princípios fundamentais da ABG (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE GESTALT-TERAPIA & ABORDAGEM GESTÁLTICA, 2018, p. 3, grifo nosso).

Contudo, politicamente, como entidade representativa que congrega Gestalt-terapeutas do Brasil, esta abertura se mostra superficial e inadequada aos princípios de uma Gestalt-terapia horizontal, ao se afirmar no art. 37, II: “A presidência da Diretoria Executiva deverá ser ocupada por Gestalt-terapeutas (psicólogos e médicos)” (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE GESTALT-TERAPIA & ABORDAGEM GESTÁLTICA, 2018, p. 10), havendo claramente um protecionismo da área com favorecimento para profissionais psis. e exclusão de outras/os Gestalt-terapeutas com formações distintas.

1.4 Pretensas Gestalt-terapias

Encerro minhas reflexões com a ousadia de afirmar “o que não é Gestalt-terapia”. A Gestalt-terapia é uma filosofia com um corpo teórico-prático-artístico que orienta a *práxis* da Psicologia, Psiquiatria, Musicoterapia, Pedagogia, Arteterapia e quaisquer áreas afins dentro dos campos da saúde, educação e arte que se proponham a utilizar de forma coerente os conceitos e teorias que a fundamentam, como a teoria de campo, a fenomenologia, o existencialismo, humanismo, teoria organísmica e o dialogismo.

Mesmo residindo aqui uma dificuldade epistemológica e conceitual em delimitar todo o emaranhado linguístico e teórico que sustenta a Gestalt-terapia, como já discutido nos tópicos anteriores, vale destacar que as práticas que não norteiem seus fundamentos pautados na complexa relação entre tais teorias não serão gestalt-terapêuticas. As tão comuns e indevidas apropriações feitas pelo “Gestalt e _____”, ainda hoje presentes, exemplificam isso. Como diz Laura Perls:

A Teoria da Gestalt foi sendo reduzida a uma modalidade puramente *técnica* [...]. E assim temos sensibilização e Gestalt, conscientização corporal e

Gestalt, Bioenergética e Gestalt, terapias de arte e dança e Gestalt, Meditação Transcendental e Gestalt, e qualquer coisa e Gestalt *ad infinitum*. Todas estas combinações mostram que os conceitos básicos da Gestalt-terapia são ou mal compreendidos ou simplesmente desconhecidos (1992b, p. 4, grifo da autora, tradução livre).

Assim, qualquer prática coerente com a Gestalt-terapia necessariamente precisará sustentar seu olhar, sua escuta e/ou sua produção nessas teorias, não sendo suficiente a utilização de técnicas ou conceitos de forma isolada. Como teoria que se constituiu em um movimento de contracultura e de anarquismo, vale dizer que essas palavras não são para criar rigidez com afirmativas como “isto que você faz não é Gestalt-terapia”; antes disso, é um convite à reflexão. O ponto norteador de uma *práxis* gestalt-terapêutica precisa ser o complexo conjunto de teorias e conceitos que estruturam a Gestalt-terapia, mesmo que, eventualmente, a ênfase se dê em um de seus pilares.

1.5 Conclusões e mais perguntas...

No início deste capítulo, compartilhei sobre as frequentes indagações que tenho acerca da organização profissional de Gestalt-terapeutas. Finalizo deixando conclusões, mas também perguntas que tenho no momento desta escrita. Compartilho-as na esperança de que convidem a novas pesquisas que possam partir daqui e alcançar outros horizontes.

Como posicionamento ético e político, concluo que a palavra *Gestalt-terapia* representa um termo macro que engloba tanto a *Gestalt-terapia clínica (psicoterapêutica)* quanto as noções de *Abordagem Gestáltica*, bem como a *Gestalt-terapia praticada por profissionais de diversos saberes*, compreendendo, assim, como Gestalt-terapeutas quaisquer profissionais de saúde e educação que possuam formação e prática em Gestalt-terapia e/ou se proponham a atuar eticamente utilizando seus conceitos de forma coerente com a fundamentação da Gestalt-terapia.

Como eterno questionador e Gestalt-terapeuta inquieto, indago:

- quais são as motivações para que tantos e reconhecidos profissionais com formação em Gestalt-terapia “abandonem” a área e passem a ser Fenomenólogos, Psicólogos Fenomenológico-Existencialistas e variantes?;
- a dita “comunidade de Gestalt-terapeutas” do Brasil representa as/os Gestalt-terapeutas em toda sua amplitude?;
- quais são os discursos dissidentes e de resistência que têm sido silenciados ao longo dos anos na Gestalt-terapia brasileira?

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE GESTALT-TERAPIA & ABORDAGEM GESTÁLTICA. **Ata de 20/07/2018**: Assembleia Geral Ordinária. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.gestalt.com.br/estatuto.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2020.

BELMINO, M. C. B. **A Ontologia Gestáltica de Paul Goodman e seus desdobramentos clínicos, políticos e educacionais**: Gestalt-terapia, anarquia e desescolarização. 1. ed. Rio de Janeiro: Via Vérita, 2017. v. 1.

BELMINO, M. C. B. Paul Goodman e o problema da natureza humana a partir de uma leitura “gestáltica”: desdobramentos para o campo da política e da educação anarquista. **IGT na Rede**, n. 13, p. 234, 2016.

BRASIL. Ministério do Trabalho. **Classificação Brasileira de Ocupações**. [Brasília, DF], c2017. Disponível em: <http://www.mteco.gov.br/cbsite/pages/home.jsf>. Acesso em: 28 fev. 2019.

BRUSCIA, K. E. **Defining Music Therapy**. 3rd ed. Dallas, Texas: Barcelona Publishers, 2014.

CAMPOS, V. F. A. **Psicoterapia Gestaltista**: conceituações. 3. ed. Rio de Janeiro, 1988.

CASTELO BRANCO, P.; CARPES, C. Produção Gestáltica nas bases de dados SciELO e PEPsic: revisão sistemática. **IGT na Rede**, n. 14, p. 72-86, 2017. Disponível em: <https://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=564>. Acesso em: 6 set. 2018.

CHAGAS, M.; PEDRO, R. **Musicoterapia**: desafios entre a modernidade e a contemporaneidade. Rio de Janeiro: Manau e Bapera, 2008.

CLARKSON, P. **Gestalt counselling in action**. 4th ed. Thousand Oaks, California: SAGE, 2013.

EPISTEMOLOGIA. *In*: GRANDE Dicionário Houaiss Online. [S. l.]: UOL, c2019. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/>. Acesso em: 15 jun. 2020.

FEDERAÇÃO MUNDIAL DE MUSICOTERAPIA. Definição de Musicoterapia. **Revista Brasileira de Musicoterapia**, v. 1, n. 2, p. 4, 1996. Disponível em: <http://www.revistademusicoterapia.mus.br/ano-i-numero-2-1996/>. Acesso em: 15 jun. 2020.

FIGUEIREDO, L. C. M. **Matrizes do pensamento psicológico**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

FREITAS, J. L. A Noção de Estrutura na Gestaltpsychologie e na Epistemologia Genética: usos e implicações para a psicologia. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 31, n. 4, p. 443-449, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-37722015042414443449>. Acesso em: 15 jun. 2020.

FROHNE, I. Musicoterapia na educação social e na psiquiatria. *In*: RUUD, E. (Org.). **Música e Saúde**. Trad.: V. B. Wrobel, G. P. Camargo e M. Goldfeder. São Paulo: Summus, 1991. p. 35-56.

GESTALT. *In*: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>. Acesso em: 9 abr. 2017.

HOLANDA, A. F. Elementos de epistemologia da Gestalt-terapia. *In*: HOLANDA, A. F.; FARIA, N. J. (Orgs.). **Gestalt-terapia e contemporaneidade**: contribuições para uma construção epistemológica da teoria e da prática gestáltica. Campinas, SP: Livro Pleno, 2005. p. 21-53.

HOLANDA, A. F.; KARWOWSKI, S. L. Produção acadêmica em Gestalt-terapia no Brasil: análise de mestrados e doutorados. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 24, n. 2, p. 60-71, 2004. Disponível em: <http://ref.scielo.org/qxqrqc>. Acesso em: 15 jun. 2020.

JULIANO, J. C. Gestalt-Terapia: revisitando as nossas estórias. **Revista de Gestalt**, v. 2, n. 2, p. 7-21, 1992.

KNIGHTS JR., W. A. **Pastoral Counseling: a Gestalt approach**. New York: Routledge, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9781315809083>. Acesso em: 15 jun. 2020.

MOREIRA, V. A Gestalt-terapia e a Abordagem Centrada na Pessoa são enfoques fenomenológicos? **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 15, n. 1, p. 3-12, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672009000100002&lng=pt&tling=pt. Acesso em: 7 nov. 2016.

NASCIMENTO, L. C. S. Gestalt-musicoterapia no Brasil: explorando o campo. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 26, n. 1, p. 53-62, jan./abr. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18065/RAG.2020v26n1.5>. Acesso em: 15 jun. 2020.

NASCIMENTO, L. C. S. **Gestalt-terapeutas do Brasil: formação e identidade**. 2019. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/37241>. Acesso em: 15 jun. 2020.

PERLS, F. **A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia**. São Paulo: LTC, 1988.

PERLS, L. Concepts and Misconceptions of Gestalt Therapy. **Journal of Humanistic Psychology**, v. 32, n. 3, p. 50-56, 1992b. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0022167892323004>. Acesso em: 15 jun. 2020.

PERLS, L. From ground to figure. [Entrevista cedida a] Janine M. Bernard. **Journal of Counseling and Development**, v. 4, Feb. 1986. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/j.1556-6676.1986.tb01136.x>. Acesso em: 15 jun. 2020.

PERLS, L. **Living at the boundary**. Gouldsboro, Maine: The Gestalt Journal Press, 1992a.

RESNICK, R. W. **New Contemporary Gestalt Therapy Demonstration Films** [Entrevista]. Los Angeles, California: GATLA, 2016. Disponível em: <https://vimeo.com/ondemand/gestaltfilms>. Acesso em: 15 jun. 2020.

RIBEIRO, J. P. **Refazendo um caminho**. 8. ed. São Paulo: Summus, 2012.

SCHIPANI, D. **O caminho da sabedoria no aconselhamento pastoral**. Trad.: P. Tornquist. São Leopoldo: Sinodal, 2004. Título original: The way of wisdom in pastoral counseling.

SILVA, C. R. E. Orientação profissional, mentoring, coaching e counseling: algumas singularidades e similaridades em práticas. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 11, n. 2, p. 299-309, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902010000200014. Acesso em: 15 jun. 2020.

STEVENS, J. **Isto é gestalt**. São Paulo: Summus, 1977.

TELLEGEN, T. A. Elementos de Psicoterapia Gestáltica. **Boletim de Psicologia**, v. 24, n. 64, p. 27-42, 1972.

TORRES, M. M. **Musicoterapia gestaltica**: proceso sonórico. Passo Fundo: Mandala, 2009.

WHEELER, B. L. The relationships between music therapy and theories of psychotherapy. **Music Therapy**, v. 1, n. 1, p. 9-16, 1981.

WYSONG, J. Retelling the story: an unrevised history. *In*: WYSONG, J. (Ed.). **Isadore From**: Retelling the Story. Gouldsboro, Maine: The Gestalt Journal Press, 2011.

Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

